

A criação de sentido e o espaço popular: navegando pela intertextualidade das charges políticas.

Daniel dos Santos Galindo¹
Elizabeth Moraes Gonçalves²

Resumo

A charge se caracteriza como um gênero de discurso, cuja linguagem do humor se constrói por meio da intertextualidade, com o aproveitamento da frase feita, de imagens e de expressões estereotipadas. O sentido se cria a partir de um contrato de leitura estabelecido entre os interlocutores. A presença da charge na web traz à tona a discussão sobre o processo interação que se estabelece. O presente texto apresenta os resultados obtidos da análise de um elenco de charges políticas, selecionadas do site charges on line, considerando-se como recorte o período das sucessivas denúncias de corrupção, capitaneadas pelos “mensaleiros” em pleno governo Lula. O objetivo da pesquisa é descrever os elementos responsáveis pela construção deste gênero, evidenciando o papel dos atores sociais que alternam suas posições de receptores a emissores, frente às fantásticas facilidades dos suportes digitais, na apropriação e reconstrução destes discursos intertextuais. Trata-se de uma pesquisa descritiva, subsidiada por uma revisão de literatura que viabiliza a reflexão sobre as mudanças decorrentes da inserção destas produções na WEB, ampliando o conceito de popular, por meio do resgate de referências e fatos cotidianos que mesclam os conhecimentos armazenados na mente, sobre cinema, história em quadrinhos, entre outras, contribuindo efetivamente para a criação do humor.

Palavras-chave: Comunicação, Charge on line, gênero, linguagem, humor, interação.

Abstract

The political cartoon is characterized as a speech gender, whose language of the humor is built through the interaction between texts, with the use of the done sentence, of images and of stereotyped expressions. The sense grows up starting from an established reading contract among the speakers. The presence of the political cartoon in the web brings to the surface the discussion about the process interaction that settles down. This text presents the obtained results about some of political cartoons analysis, selected of the site political cartoons on line, being considered as cutting the period of the successive accusations of corruption, in the middle of the government Lula. The objective of the research is to describe the responsible elements for the construction of this gender, evidencing the social actors' paper that they alternate their positions of receivers to originators, front to the fantastic means of the digital supports, in the appropriation and reconstruction of these interactions of speeches. It is a descriptive research, subsidized by a literature revision that makes possible the reflection on the current changes of the insert of these productions in the WEB, enlarging the concept of popular, through the rescue of references and daily facts that they mix the knowledge stored in the mind, on movies, cartoon, among other, contributing indeed to the creation of the humor.

Key-word: Communication, Political cartoon on line, gender, language, humor, interaction.

¹ **Daniel dos Santos Galindo** – Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo - Docente e pesquisador do programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da UMESP e professor no programa de MBA da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. galindo@sti.com.br

² **Elizabeth Moraes Gonçalves** – Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Mestre em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Docente e pesquisadora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Comunicação Social da UMESP. Responsável pelo Núcleo de Comunicação, Linguagem e Educação, com o projeto de pesquisa “Linguagem e discursos especializados na Comunicação”. bethmgoncalves@terra.com.br

A criação de sentido e o espaço popular: navegando pela intertextualidade das charges políticas.

A charge se compõe de um conjunto de elementos extra-verbais, associado ou não aos verbais, que constrói as relações entre os interlocutores do processo comunicativo. São informações implícitas que justificam a cumplicidade e viabilizam um processo comunicativo de dizer sem ter dito. O silêncio das insinuações libera o enunciador de qualquer compromisso, deixando todo efeito de sentido por conta do seu interlocutor.

O objetivo central do presente estudo é apontar a natureza polifônica e dialógica deste tipo específico de texto, em especial da charge política, construindo um discurso intertextual bastante aceito na sociedade. Constitui-se como gênero um especial, no qual as referências dos fatos cotidianos se mesclam com conhecimentos armazenados na mente, primeiramente sobre os acontecimentos sociais aos quais se referem, depois a elementos referentes ao cinema, história em quadrinhos, entre outras, contribuindo para a criação do humor. Dessa forma, estabelece-se a cumplicidade avaliativa entre os interlocutores do processo comunicativo, de maneira que o locutor 1 ao organizar a mensagem pressupõe uma aceitabilidade do locutor 2, de quem se espera um conhecimento prévio que o levará a organização do sentido:

a mensagem nunca produz automaticamente um efeito. Todo discurso desenha, ao contrário, um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito. A relação entre a produção e a recepção (prefiro chamar esta última de reconhecimento) é complexa: nada de causalidade linear no universo do sentido (VERÓN, 2004, p.216).

A construção desse sentido envolve, portanto, um contexto de intertextualidade, condição de existência do próprio discurso, considerando o fato de que um discurso nunca é totalmente original, ou seja, sempre está vinculado a outros discursos que o antecedem. Portanto, a construção textual de qualquer indivíduo vai recuperar outros textos, que fazem parte da sua formação, da sua vivência, da sua ideologia:

Um discurso quase nunca é homogêneo: mistura diversos tipos de seqüências, passa do plano embreado ao plano não embreado, deixa transparecer de maneira bastante variável a subjetividade do enunciador etc. Dentre os fatores de heterogeneidade, devemos atribuir um papel privilegiado à presença de discursos outros num discurso (MAINGUENEAU 2002, p.78).

Este conceito da incompletude da linguagem e dos discursos aponta-nos um caminho no sentido de caracterizar a charge como um gênero no qual a intertextualidade

está na base de sua construção, de tal forma que é condição primordial para o sucesso da comunicação pretendida, o conhecimento partilhado das idéias sugeridas e dos fatos insinuados na síntese visual construída pelo chargista. Como lembra Pêcheux (1969, p.23):

... dado discurso envia a outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele 'orquestra' os termos principais, ou cujos argumentos destrói. Assim é que o processo discursivo não tem, de direito, um início: o discurso se estabelece sempre sobre um discurso prévio....

A charge, como gênero opinativo, apresenta a fusão de idéias e avaliações compartilhadas entre os atores sociais envolvidos no processo, considerando que "um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição" (MAINGUENEAU 2002, p.39). O chargista dirige um olhar especial sobre o cotidiano, à maneira do cronista social, porém com o traço ágil, rápido e hiperbólico, construindo a caricatura de uma realidade, uma nova realidade, na qual os dados referenciais passam a serem vistos sob a ótica da sátira, da crítica, enfim, do humor.

Nesse sentido a charge é vista como um texto novo, resultado da fusão de textos que o antecedem, ou conforme Kristeva (1988, p.60) "um mosaico de citações, a absorção e transformação de um outro texto". O interlocutor, não simples receptor da mensagem, interfere, como atuante, na medida em que determina o que se diz e o como se diz. Portanto, um discurso, qualquer que seja sua natureza, se constrói a partir de três dispositivos de enunciação, na terminologia de Verón (2004, p.218):

1. a imagem de quem fala. Essa imagem contém, portanto, a relação daquele que fala ao que ele diz.
2. a imagem daquele a quem o discurso é endereçado: o destinatário. O produtor de discurso não só constrói seu lugar ou seus lugares no que diz; fazendo isso, ele define igualmente seu destinatário.
3. a relação entre o enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso.

Na busca de entender o processo especial de comunicação estabelecido pela charge, somos levados a considerar a relação entre as condições de produção, responsáveis por conferir a liberdade artística e avaliativa ao produtor, garantindo o espaço de sua fala; as condições de recepção ou de interpretação que devem garantir a aceitabilidade e a competência de compartilhar da proposta sugerida pelo produtor e a própria organização sócio-discursiva da mensagem, que, intencionalmente, constrói um todo icônico, a partir de elementos indiciais, com o objetivo de elaborar uma construção simbólica da realidade,

capaz de atrair pela criatividade e irreverência. Conforme Charaudeau (2003, p. 22 tradução nossa):

todo ato comunicativo é um objeto de intercâmbio entre duas instâncias, uma de enunciação e outra de recepção, cujo sentido depende da relação de intencionalidade que se instaura entre elas. Isto determina três lugares de pertencimento: aquele em que se encontra a instância de enunciação, ao qual denominaremos lugar das condições de produção, aquele em que se encontra a instâncias de recepção, ao que denominaremos lugar das condições de interpretação e aquele em que se encontra o texto como produto terminado, ao que denominaremos de lugar de construção do discurso.

Observa-se, portanto que o sentido depende desta co-intencionalidade entre as instâncias envolvidas na construção da mensagem, por isso preferimos intitulá-los interlocutores, ou enunciador e destinatário e não entre produtor e receptor.

O discurso se exerce na intencionalidade daquele que fala e se organiza em um espaço de limitações e de estratégias na interdependência entre os espaços interno e externo. Três níveis estruturam tais espaços: o situacional, o comunicacional e o discursivo. O situacional é considerado o externo, que evidencia ao mesmo tempo limitações, determinando a finalidade do ato de linguagem, a identidade dos parceiros, o domínio do saber, o dispositivo das circunstâncias materiais de espaço/tempo. O comunicacional é o nível da maneira ou modo de dizer, escrever, em função dos dados do situacional, respondendo a seguinte questão: Estamos aqui para dizer de que maneira? O discursivo apreendido ao nível do sujeito enunciativo, deve satisfazer as condições de legitimidade, de credibilidade e de capacitação (FERREIRA, 2003 p. 266).

Nesta perspectiva, o conceito de Discurso é, fundamentalmente, um conceito social, pois, está vinculado ao ato de enunciação, ao envolvimento dos atores do momento enunciativo e ao conhecimento prévio da situação sócio-histórica-cultural na qual a mensagem se insere e também a determina.

Martin-Barbero (1993) foi um dos primeiros autores a enfatizar o termo mediações e propor estudo de comunicação fora dos eixos dos meios, mas sim, a partir das práticas de comunicação realizadas nos movimentos sociais, onde, segundo ele, se articula a cultura popular. O autor realiza o deslocamento dos conceitos de comunicação para o conceito de cultura, sendo esta, entendida como modos de percepção, de aquisição de conhecimento, sistemas narrativos, códigos de valores de produção simbólica da realidade, mas sem esquecer, em momento algum, a pluralidade cultural, os diversos modos de concretização ligados às questões étnicas, sexuais, etárias, religiosas, políticas, etc. As mediações seriam os lugares de onde provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural.

Assim como Barbero, Orozco (1991) também aponta a existência de vários conjuntos de influências que estruturam o processo de recepção e seus resultados: o saber a cultura, a política, a economia, a classe social, o gênero, a idade, a etnia, os meios, as condições situacionais e os movimentos sociais.

Quando nos deparamos com um mundo reconhecidamente complexo e retrabalhado pela mídia, não podemos deixar de observar que “O homem não vive dentro de um universo puramente físico, mas sim num universo simbólico. Língua, mito arte e religião [...] são os vários fios que compõem o tecido simbólico [...]” (Ernst Cassirer apud, SARTORI, 2001 - p. 11). Esta afirmação servirá como fio condutor das diversas manifestações delimitadas neste corpus, como por exemplo, o uso das charges no espaço globalizado do ciberespaço.

Charge política - uma leitura possível

Para este estudo foi selecionado um conjunto de charges políticas, divulgadas no *site charge on line*, no período em que o episódio de corrupção, de compra de votos no congresso nacional, popularmente conhecido como “mensalão”, ocupava as principais páginas da imprensa brasileira, marcando, mais uma vez, o governo petista por evidências de escândalos envolvendo parlamentares. O ambiente político tenso por crises como esta se torna fonte de inspiração para quem trabalha com a construção do humor, pela sátira e pelo deboche.

A análise não se propõe a avaliar o contexto político nacional, embora esteja claro que o analista está presente no seu texto e que a total imparcialidade inexistente neste tipo de abordagem qualitativa da linguagem e do discurso.

é necessário que o analista dê uma atenção especial à “textura” dos textos, quer quanto ao uso da linguagem verbal, quer quanto ao uso de outras semióticas. É na superfície dos textos que podem ser encontradas as pistas ou marcas deixadas pelos processos sociais de produção de sentidos que o analista vai interpretar. (PINTO, 2002, p.27)

O predomínio da imagem neste tipo específico de construção leva-nos a considerá-la, por si só, como um discurso, na medida que está vinculada a um contexto enunciativo próprio. Nela, podem ser encontradas intertextualidades e dialogismos, da mesma forma que são encontrados em textos verbais. Assim, a imagem possui uma mensagem, um

enunciado, e, conseqüentemente, um enunciador e um conjunto de destinatários relacionados pela cumplicidade avaliativa proposta na mensagem:

Conseqüentemente, a compreensão de um enunciado é sempre dialógica, pois implica a participação de um terceiro que acaba penetrando o enunciado na medida em que a compreensão é um momento constitutivo do enunciado, do sistema dialógico exigido por ele. Isso significa que, de alguma maneira, esse terceiro interfere no sentido total em que se inseriu. Esse jogo dramático das vozes, denominado dialogismo ou polifonia, ou mesmo intertextualidade, é uma forma especial de interação, que torna multidimensional a representação e que, sem buscar uma síntese do conjunto, mas ao contrário uma tensão dialética, configura a arquitetura própria de todo discurso” (BRAIT, 2003, p. 25)

Procuramos identificar no discurso da charge, vestígios de outros discursos sociais e vínculos entre os campos envolvidos para a construção do sentido, buscando não o que se diz, mas a forma de construir este dito ou ainda, de sugerir sem dizer explicitamente. O contexto ideológico no qual a charge se insere determina as características da mensagem e a seleção dos signos que a compõem:

O ideológico está presente num texto pelas marcas ou traços que estas regras formais de geração de sentidos deixam na superfície textual [...] Uma parte do ideológico também transparece num texto sob a forma de preconstituídos, que são inferências e pressuposições que o coemissor deve fazer para suprir as lacunas e dar coerência à interpretação que faz, interligando as frases e partes do texto e ligando-o a um mundo (PINTO, 2002, p.41).

Os sentidos da charge são construídos de acordo com o grau de envolvimento entre os interlocutores do processo comunicativo. O chargista prevê que seu interlocutor partilhe da sua visão de mundo e é capaz de interpretar os signos utilizados de forma a construir efeitos de sentido condizentes com o significado que atribuiu à mensagem.

O papel da comunicação neste processo é proporcionar interações entre as mensagens os indivíduos suas culturas e sua realidade para possibilitar tanto a produção de sentido, como exercer um papel vital na apropriação e consumo desta manifestação cultural.

Segundo o antropólogo Clifford Geertz:

"Se cultura, 'são as redes de significado' que giram em torno dos seres humanos, então as comunicações são as ferramentas que os seres humanos usam para interpretar, reproduzir, manter e transformar essas redes de significado. Ser 'humano', é estar em comunicação com alguma cultura humana, é ver e conhecer o mundo - comunicar-se - de uma forma que recrie diariamente essa cultura particular. A comunicação constitui o centro da cultura e, de fato, da vida em si. Há uma ligação inseparável, então, entre as comunicações e a cultura. A cultura comunica." (GEERTZ, *apud*: REFKIN, 2001, p. 112).

A compreensão desta possibilidade comunicacional decorrente do espaço cultural, é essencial nesta abordagem, no entanto Charaudeau (2003, p. 33 tradução nossa) pontua que o papel do analista é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, ao mesmo tempo em que se compromete com interpretações cuja relatividade anuncia e aceita. Considerar como verdade absoluta uma explicação relativa e crer nela seria arrogância.

A crise mostrada nas charges

As charges analisadas para este estudo versam sobre a temática da crise política que tem assolado o país, em especial depois das denúncias, em 2005, de compra de votos de parlamentares, durante o mandato de Luis Inácio Lula da Silva, eleito como representante legítimo das classes populares, simbolizando a mudança e fazendo da ética na política sua bandeira. Representante máximo do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula sempre se colocou em defesa da ética, como “diferente” dos demais políticos profissionais, ou seja, sua eleição, após várias tentativas frustradas (desde 1989), teve um significado muito especial para o país que estava acostumado a ver seus governantes oriundos das classes mais favorecidas, era, naquele momento, o operariado chegando às mais altas instâncias do país.

Juntamente com o “mensalão” outras expressões passaram a fazer parte do cotidiano do brasileiro, entre elas o “valerioduto” e o “dólar na cueca”. As expressões são depreciativas e representam o ridículo desencadeado pelas situações de corrupção que expõem seus protagonistas à crítica da sociedade, em que as charges servem de exemplos emblemáticos.

O chargista ridiculariza o presidente ao fazer alusão ao fato de o presidente beber, fato denunciado inclusive por um repórter estrangeiro que precisou se retratar no país. Lula aparece na charge com copo de cerveja (copão) para falar sobre o Copom (Comitê de Política Monetária). Em outro momento o presidente está literalmente costurando uma bandeira do PT, com as siglas de outros partidos, “recompondo do governo”, fazendo alusão aos acordos e coligações feitas. Mais ainda, depois das denúncias de Roberto Jefferson, o chargista mostra Lula em um consultório médico – o ultrassom de seu abdômen localiza Jefferson no seu estômago, nos remetendo a mais uma expressão popular: “foi preciso engolir”.

Também desacreditado fica o partido dos trabalhadores, cuja figura principal é representada pelo presidente. A estrela vermelha, símbolo do partido deixa a camisa e se despede, abandona o partido e o presidente. As camisetas são vendidas como produtos falsificados, porque as originais não existem mais. O chargista avalia que o PT mudou, não é mais o partido no qual a população votou e acreditou.

A sátira aos políticos e o descrédito justifica a aproximação que o chargista faz dos ministros com Fernandinho Beira Mar, um dos piores marginais do país. Ao ser anunciado que o marginal seria transferido para Brasília, alguém pergunta: “para ocupar qual ministério”. O jogo de imagens e o diálogo, sem nenhuma sutileza, mas com humor denuncia a corrupção em Brasília, nos mais altos postos do governo.

Toda crítica feita a Brasília pode ser sintetizada na imagem de um caminhão descarregando papel higiênico no congresso depois das acusações de corrupção de Roberto Jefferson. Indiretamente, porém não sutil, o chargista avalia os atos dos congressistas de forma pejorativa, cujas conseqüências só poderão ser limpas ou corrigidas com muito papel higiênico.

A intertextualidade é explorada como recurso fundamental para a construção do sentido. A charge sempre nos faz ligar o acontecimento ao qual se ironicamente se refere com dados arquivados na memória, de outros textos, de outros ambientes, de situações completamente diferentes, mas com a qual se faz estabelecer uma intersecção. Das histórias em quadrinhos saíram os irmãos metralha, símbolos do mal, para representarem os aliados do governo, posando para foto junto com o presidente aproxima o presidente.

Os filmes de sucesso representam também grande fonte de inspiração para o chargista, ao construir seus discursos de humor. Apresentam-se geralmente os cartazes dos filmes ou as capas dos DVDs, substituindo as imagens dos atores protagonistas por políticos: O naufrago tem Lula na capa – numa alusão às crises do governo que tem abalado a imagem do presidente. O seriado norte-americano *friends* traz na capa uma imagem do prédio do congresso nacional e sugere a amizade entre pessoas muito próximas do presidente e o centro da corrupção, identificado por Marcos Valério. Onze homens e um segredo expõe na mesma fila Dirceu, Genuíno, Marcos Valério e Roberto Jefferson, todos cúmplices de um mesmo segredo: de vem o dinheiro para o pagamento do mensalão?

Roberto Jefferson, responsável por deflagrar as denúncias de corrupção que envolvem nomes do primeiro escalão do governo, ocupou o centro de grande de parte das charges analisadas, representando o grande vilão do governo Lula, um tanque de guerra que destrói do congresso. Os discursos feitos por Jefferson estão escritos em rolos de papel higiênico, material desprezível, ligado aos excrementos, ou seja, o que ele tem a dizer não pode ser coisa boa.

No contexto da intertextualidade com filmes, Jefferson ora aparece como personagem central de Matrix, ora como o exterminador, ora como o líder do Aprendiz 3, pronto para demitir um elenco de governistas apontados como participantes de corrupção. Delúbio Soares e Marcos Valério protagonizam Prenda-me se for capaz, sugerindo as fragilidades das provas colhidas contra eles.

Marcos Valério, publicitário acusado por financiar o esquema de “mensalão”, pagamento aos deputados pela compra de votos no congresso, é um dos personagens centrais caricaturado pelas charges. Uma cabeça completamente sem cabelos, a declaração de ser fazendeiro para justificar a origem do dinheiro, são elementos suficientes para o chargista explorar e compor o personagem: o traço exagerado desenha uma cabeça careca enorme, o fazendeiro é estereotipado com as características do “matuto”, homem humilde do campo, que trabalha na terra e cuida do gado. Porém, este “rei do gado” tira o leite das malas de dinheiro, sua fazenda chama-se “careca feliz”. O chargista se remete a um episódio anterior, vinculado ao governo Collor, quando PC Farias, ligado diretamente ao ex-presidente, é assinado. A recomendação é feita nas entre linhas a Marcos Valério quando PC Farias diz: “eu sou você amanhã”.

Enquanto a crise se desenrola, envolvendo pessoas da liderança do partido dos trabalhadores, com posições de destaque no governo, como José Dirceu, Delúbio Soares e José Genuíno, o presidente é representado nas charges como um fracassado, vítima de Roberto Jefferson e de todos os demais que, segundo ele, traíram sua confiança. Lula pede ajuda ao Batman, que não entende o chamado, vindo na forma do símbolo do planalto da Alvorada, residência presidencial. Lula é vítima também de José Dirceu que para “sair de mãos limpas” deixa as marcas no presidente. Fica, portanto, a Espera de um milagre, posicionado e vestido como o personagem principal do filme.

A descrença no político é retratada de maneira bem humorada pelos chargistas. Para lembrar de uma das bandeiras de Lula, o programa fome zero é satirizado, fazendo um paralelo com moral zero, com pessoas famintas ainda no país, com o prato vazio servindo inclusive para sinalizar o caminho de pouso do avião presidencial. Aliás, a compra de novo avião presidencial é motivo de críticas graves: enquanto se gasta com o presidente o povo continua em favelas, sem urbanização, sem condições mínimas de sobrevivência; enquanto o presidente visita a África para levar ajuda os pobres do país, pelos traços do chargista, reclamam por ajuda. Os membros dos movimentos sociais, como o MST, reclamam pelo apoio do governo – o chargista coloca lado a lado os sem teto, os sem terra e o “sem saber o que fazer”, o presidente. O pobre reclama que o único crescimento que houve no país no aumentativo das palavras: “mensalão, malão, cuecão e agora dizimão”. Este último lembrando que um dos deputados surpreendido no aeroporto com uma mala de dinheiro justificou que era uma remessa de dízimos de uma igreja. Enfim, na visão do chargista se o indivíduo ainda tem orgulho de ser brasileiro é porque ainda é criança, ainda não avaliou a situação do país – assunto abordado em uma charge.

Diante de tantas descobertas de dinheiro em malas, fruto de corrupção causou estranheza o inusitado fato de um assessor do governo trazer os dólares na cueca. É uma piada pronta – diria o humorista. O assaltante, aquele que costuma amedrontar a sociedade com a constante ameaça de levar seu dinheiro, é retratado na charge como alguém que tem tido trabalho para saber onde encontrar o que deseja, por isso traz consigo uma “cola”: se for eleitor entrega a carteira, se for deputado entrega a mala e se for assessor entrega a cueca. Este episódio, de tão pitoresco, foi amplamente abordado.

Aproximar a imagem do político à do marginal é fato marcante na charge. Em conversa de criança, ser deputado, prefeito ou governador está no mesmo patamar de seqüestrador, traficante e assaltante de banco. A criança representa a inocência, portanto esta aproximação é coisa normal, não deve causar estranheza.

O governo Lula foi caracterizado pelas CPIs (comissão parlamentar de inquérito). A cada escândalo uma nova CPI e cada nova CPI uma anterior era esquecida para dar lugar ao fato novo. É o que o chargista chama de sujeira debaixo do tapete, fazendo alusão a uma expressão popular que se refere ao fato de esconder os problemas.

A pizza, amplamente utilizada para lembrar a impunidade, no que se refere, sobretudo, a situações de corrupção, associa-se à estrela, símbolo do PT, partido no poder. Uma aproximação só justificável pelo contexto amplo em que os interlocutores se situam, ou seja, fora do contexto nacional não há qualquer traço de intersecção entre os elementos. Em muitos momentos a pizza é recuperada na charge, como um santo remédio para as CPIs.

O conjunto arquitetônico do congresso nacional, símbolo da democracia brasileira, tem a substituição de suas cúpulas (plenários da Câmara e do Senado) por vasos sanitários, pelo Titanic naufragando, ou pelas torres gêmeas de Nova Iorque, sendo atingidas por um avião. A obra sonhada e realizada por Niemeyer transforma-se, na charge, em símbolo de cifrão aos olhos de Severino, presidente da Câmara dos Deputados, personagem de episódios de corrupção, simultâneos ao “mensalão”. Ainda como símbolo de corrupção, o prédio do congresso é levado em um guincho pela polícia federal. Uma placa de trânsito na frente do Congresso para indicar “homens trabalhando” traz um indivíduo carregando nas costas um saco de dinheiro.

O ex-presidente Fernando Collor de Melo é várias vezes lembrado, em comparação com os atuais governantes, trazendo à lembrança que um dia a população se mobilizou e tirou do poder alguém que mostrou-se corrupto, porém o país, no governo que propunha ética na política, encontra-se mergulhado em episódios igualmente graves. Diz o chargista, na voz de um personagem político: “se Collor tinha aquilo roxo, nós temos aquilo verdinho”, referindo-se aos dólares na cueca do assessor de governo. O episódio dos dólares na cueca transforma a peça do vestuário masculino em símbolo de dinheiro.

O jogo com as palavras, com a ambigüidade, com a polissemia, com a paronímia, é um recurso ricamente explorado pelo chargista: a palavra “quadrilha” tanto se refere à dança das festas juninas quanto ao conjunto de marginais; a casa civil se transforma em casca civil, quando José Dirceu é vítima de uma casca de banana que o faz cair, na charge, literalmente. Tanto a casca de banana quanto a queda do ministro José Dirceu metaforizam a saída da casa civil por José Dirceu, depois das denúncias de corrupção.

O chargista mostra-se acostumado com tantos assuntos de corrupção que recheiam seu trabalho, porém mostra-se surpreso, como surpresa ficou a população brasileira com a

saída de Palocci do governo. “Até tu Brutus” diz a charge, mostrando Palocci, na corda bamba, arrancando também a estrela do símbolo do PT.

Em um contexto em que deputados se vendem e são comprados, em que o publicitário agencia a corrupção em vez de fazer publicidade, em um governo que precisa de mais CPIs do que de atividades primeiras de governabilidade do país, o humorista é o profissional que se sente privilegiado, para quem não falta serviço. Selecionamos uma das charges que, metalingüisticamente, aponta para este fato: “haja charge para tanto escândalo”.

Na impossibilidade de ilustrarmos todo o elenco das charges, disponibilizadas no site chargesonline.com.br e trabalhadas neste pequeno recorte, selecionamos algumas e apresentamos nos anexos, apenas como um exercício de observação do conjunto de elementos extra-verbais que caracterizam a gênese desta produção polissêmica que é a charge.

Charge política – o local e o global na rede

Em seu trabalho “A sociedade em rede” Manuel Castells (2001, p.78) aborda o aspecto da penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, entendida pela importância da informação como parte integral de toda atividade humana, além do reconhecimento da presença das novas tecnologias em todos os processos de nossa existência tanto individual quanto coletiva, e a sua inevitável moldagem proporcionada pelos novos meios.

Portanto quando nos deparamos com o recorte charges na Internet, estamos diante da fluidez da informação em um meio de reconhecida convergência e seguramente um suporte diferenciado para as diversas produções culturais geradas pelos ativistas midiáticos que segundo Oswaldo Trigueiro (2006, p.135)

(...) O ativista midiático dos sistemas folkcomunicacionais, entre os muitos produtores-criadores-culturais da rede de comunicação cotidiana, toma para si e usa (...) entre outras tantas manifestações do saber popular; potencializa, dá visibilidade a esses produtos culturais, recolocando-os nas redes globais de comunicação, notadamente o rádio, a televisão e a Internet como estratégia da inclusão social. Disponibiliza a sua criatividade, a sua originalidade e o seu caráter individual aos movimentos sociais, políticos, educacionais, religiosos ou aos acontecimentos festivos. Os produtos culturais populares, veiculados por canais próprios da rede de comunicação cotidiana – folkcomunicação – são potencializados pelos ativistas midiáticos, são sistematicamente revigorados e encaixados nas redes de comunicação da sociedade midiática.

Sem dúvida alguma a mídia reinventa novos espaços na sua programação para abrir os processos transformativos culturais travados entre o local e o global. Neste sentido a proposta de SERVAES (2002, p.38) considera que:

“(...) a globalização e a localização formam em si um mesmo processo, sendo exatamente os dois lados de uma mesma moeda, as mesmas áreas inter (culturais) em sua origem (falar, assistir programas televisivos internacionais, encontros com turistas internacionais, contatos comerciais no interior da economia global), conduzindo ambas a um processo de interpretação global ou um processo de interpretação local”.

O efeito globalizante na sociedade mediatizada, evidencia a presença das redes de comunicação chegando a quase todos os recantos da terra, em tempo real, e a noção de distância toma outro sentido. Segundo Tom Peters: “Na era da Internet é preciso, usar a imaginação como único limite, porque ninguém está a mais de 0,6 segundos de outra pessoa”. Portanto Trigueiro (2006, p.134) tem razão quando sinaliza que:

Os moradores dos pequenos e distantes municípios brasileiros, das áreas urbanas, rurais, rurbanas agora têm acesso à televisão via antena parabólica; ao telefone fixo e celular com sistema DDD e DDI, ao rádio, ao fax, à Internet; escutam música no *walkman*, no *CD player*, DVD; (...) O sujeito da sociedade midiaticizada está constantemente conectado aos muitos lugares do mundo por diferentes redes eletrônicas de comunicação.

E logicamente em construção permanente de um amplo repertório que possibilita as diversas articulações de referências e fatos cotidianos, resgatados nas releituras do cinema, história em quadrinhos, entre outras que através das paródias visuais proporcionadas pelas charges disponibilizadas em um meio essencialmente rápido e rico na construção de um discurso intertextual bastante aceito na sociedade.

Considerações Finais

Diante da expressiva produção desta manifestação comunicacional, fica evidenciado a liberdade e a sensibilidade do chargista em mergulhar no cotidiano e retirar elementos que ao serem processados pelo traço ágil, rápido e hiperbólico, traduzem uma caricatura da realidade, como também sugerem uma nova realidade, através de pistas e referências que produzirão efeitos na recepção, tanto pela co-intencionalidade entre as instâncias envolvidas na construção da mensagem, como pelo espaço simbólico do destinatário.

Por sua vez o ciberespaço longe de apresentar-se como um espaço unidirecional, caracteriza-se como espaços globais e locais em movimentos de continua interdependência,

abrigo manifestações populares que encontram na rede um amplo repertório simbólico, além de produtos culturais populares, potencializados pelos ativistas midiáticos.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAITH, Beth. **As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso**. In: BARROS, Diana da Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Bakhtin**. Editora Universidade de São Paulo, 2003.

CHARADEAU, Patrick. **El discurso de la información**. Tradução para o espanhol de Margarita Mizraji. 1ª edição. Barcelona: Gedisa, 2003.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Contribuições da Análise do Discurso ao Estudo de Jornalismo**. In FRANÇA, Vera [et al.] (org) **Livro do XI Compôs 2002: Estudos de comunicação**. Porto Alegre; Sulina, 2003.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios de la comunicaciones: comunicación, cultura y hegemonia**. 3ª ed. México: GG Mass Midia, 1993.

OROZCO, Guillermo. **La audiencia frente a la pantalla: una exploración del proceso de recepción televisiva**. Lima: Diálogos de la Comunicación, 1991.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2ª ed. São Paulo: Hacker, 2002.

REFKIN, Jeremy. **A era do acesso: a transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia**. São Paulo: Makron Books, 2001.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns**. São Paulo: EDUSC, 2001.

SERVAES, Jean . **Globalización o localización: hacia un espacio de identidad cultural** in Anuário Unesco/Umesp de comunicação Regional, ano 6, nº6 Jan-Dez. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

TRIGUEIRO, Oswaldo Meira. **Folkcomunicação in Mídia Cidadã** – utopia brasileira, São Bernardo do campo: Universidade Metodista de São Paulo: 2006.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo RS : Editora Unisinos, 2004.

Anexos



